



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à
Ilha de Gorée**

Ilha de Gorée-Senegal, 14 de abril de 2005

Eu queria dizer ao presidente Wade que estamos terminando a nossa agenda na África, no Senegal e na Ilha Gorée. Portanto, terminando a nossa viagem melhor do que qualquer um pudesse pensar ou organizar.

O senhor sabe, Presidente, que quando resolvemos transformar a África num continente prioritário da nossa ação política, dentre as coisas que tínhamos na cabeça e que definiu a nossa estratégia de política internacional, não foi apenas fazer negócios, foi, sobretudo, uma estratégia de um dirigente político que tem consciência da dívida histórica que temos com o continente africano. E não poderia ser melhor o lugar para dizer isso, que ao longo de três séculos exportou milhões e milhões de seres humanos livres que se transformaram em escravos, tratados como mercadoria. E esta casa, aqui, possivelmente seja o único monumento para a história mostrar à humanidade. Muitas vezes nós aprendemos mais sobre as atrocidades que a humanidade cometeu contra etnias, contra raças, contra países, mas a questão da escravidão é tratada muito por cima, porque os escravos eram tratados como figuras, ou seja, não eram seres humanos. Aqui, nesta casa, eles eram transformados num número. Eles não tinham nome nem sobrenome.

Eu acredito que quando tomamos a decisão de recontar a história africana dos nossos escravos no ensino fundamental do Brasil, o objetivo era fazer com que as nossas crianças aprendessem que isso aqui não era um paraíso de escravos, isso era um paraíso de homens livres que uma parte da



Europa transformou em escravos para poder, quem sabe, começar a se transformar no chamado continente rico do planeta.

É muito importante que as nossas crianças aprendam que o fato de a África ser um continente economicamente, industrialmente atrasado, se comparado ao chamado Primeiro-Mundo, não é porque o africano não tem competência, não é porque o africano não é inteligente, é porque durante três ou mais séculos se tirou, desse território, as pessoas mais saudáveis, as pessoas mais fortes e as pessoas com mais condições de trabalhar.

Milhões deixaram este continente e sabe Deus quantos milhões saíram por esta porta. A porta do “nunca mais” é como se fosse a própria morte. Ou seja, eu vou, sem saber, ou melhor, tendo consciência de que não tenho retorno. Mas essas pessoas no seu sofrimento, Presidente, ajudaram a construir o meu país.

Eu penso que, se a gente levar em conta o valor histórico da passagem dos negros pelo Brasil, condenando tudo que tenhamos que condenar, o resultado para o Brasil foi da criatividade extraordinária do povo brasileiro e uma miscigenação que criou um povo extraordinariamente bonito. A esse povo nós devemos a nossa culinária, grande parte dela; devemos a musicalidade que o Gil demonstrou aqui, o samba no pé da mulher e do homem brasileiro. Esse gingado e essas coisas a gente não aprende na Alemanha, a gente não aprende na Suécia, a gente aprende aqui, na Ilha Gorée, porque isso não se aprende na universidade. Isso está no nosso DNA.

E essa intensificação do meu governo, do meu país, com a África, é porque nós acreditamos que o século XXI pode ser o grande século daqueles que foram premidos no século XX. E que o século XXI pode ser o século em que nós, países da África, países da América do Sul e da América Latina, Senegal e Brasil, descubramos que só fomos pequenos porque não pensamos grande. Quando começamos a pensar grande, a ter objetivos definidos, a não fazer a nossa ação política apenas no período do nosso mandato, mas fazer da



ação política uma trajetória histórica para o futuro, eu não tenho dúvida de que os nossos filhos e netos ou, quem sabe, bisnetos, daqui a 40 ou 50 anos estarão aqui não apenas chorando a escravidão, mas estarão também vivendo o momento privilegiado, que eu acho que nós estamos buscando e, certamente, vamos encontrar.

Eu sei da quantidade de autoridades que vêm aqui. Eu vi fotografias de muitas personalidades, mas uma teve humildade – uma que morreu e foi enterrada na última sexta-feira – teve a grandeza de vir aqui, naquela porta do “nunca mais” pedir perdão.

Eu queria dizer, presidente Wade, ao povo do Senegal e ao povo da África, que não tenho nenhuma responsabilidade pelo que aconteceu no século XVIII, no século XVI, XVII, mas eu penso que é uma boa política dizer ao povo do Senegal e ao povo da África: Perdão pelo que fizemos aos negros.